



NOVAS FRONTEIRAS

Flores da **canola** colore o Brasil

Em terras brasileiras, a colheita da canola, terceira oleaginosa mais produzida no mundo, deve registrar aumento de 40%. São 30 mil hectares de lavoura, divididos entre os principais estados produtores: Rio Grande do Sul, Paraná e Mato Grosso do Sul.


Segundo a Companhia Nacional de Abastecimento, Conab, a produção da canola no atual ciclo poderá chegar a 42 mil toneladas, contra 30 mil colhidas na safra 2008/2009. Confirmados, os números vão representar a terceira temporada seguida de crescimento, pois em 2007/2008 a colheita somou 20 mil toneladas. Prova de que o amarelo dessas flores vem tingindo com vigor cada vez maior as lavouras do Brasil é que esta é a primeira vez que a Conab se dedica ao levantamento da safra da cultura.

Ao lado da soja e da palma, a canola forma o trio das oleaginosas mais importantes do planeta. Fruto do melhoramento genético da colza, chegou ao Brasil em 1974. O Rio Grande do Sul foi o anfitrião. Na década seguinte, houve um pequeno impulso no plantio, seguido de estagnação. A expansão vista atualmente está ligada, entre outros fatores, ao desenvolvimento de cultivares e híbridos mais adaptados às condições nacionais. Pesquisas comandadas pela Embrapa Trigo vêm permitindo que a planta, tipicamente de clima temperado, seja viabilizada nas regiões Sudeste e Centro-Oeste, com bons resultados. É a chamada tropicalização da canola.

Também contribui para estimular o plantio a aprovação do Zoneamento Agroclimático para a cultura. Na temporada 2007/2008, o Rio

Grande do Sul foi o primeiro a ser contemplado com a ferramenta. No ciclo seguinte, segundo o pesquisador da Embrapa Trigo, Gilberto Tomm, o processo foi estendido aos estados do Paraná, Santa Catarina, São Paulo, Mato Grosso do Sul e Goiás. Além de definir as épocas e regiões mais adequadas para o cultivo, o zoneamento garante o acesso do agricultor a políticas de crédito e ao seguro agrícola.

AMARELO EM ALTA

De acordo com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento devem ser produzidos na atual safra 500 litros de óleo de canola por hectare, considerando que os grãos possuem mais de 38% de óleo. A indústria alimentícia é hoje o destino principal do produto, valorizado por seu alto valor nutricional. Tanto que para dar conta da demanda doméstica de óleo de canola comestível, o Brasil recorre a importações do Paraguai. Mas não só o óleo alimenta o alentador futuro da canola: o farelo, originário do processamento dos grãos, com teor de proteína da ordem de 34% a 38%, tem como destino a cada vez mais promissora indústria de rações animais. A destinação para a fabricação de biodiesel ainda não ocorre, mas esse cenário poderá ser modificado em breve. Na Europa, a oleaginosa é a matéria-prima mais utilizada na produção do combustível. 



Sempre em movimento

Certamente, você vem acompanhando os movimentos da Bunge no Brasil. São ações que buscam fortalecer e perpetuar as nossas operações aqui e no mundo.

E que acompanham o ritmo da agroindústria, que determina ciclos com os quais, não tenho dúvidas, estamos – você e nós – familiarizados. Somos empreendedores. Temos a incrível capacidade de rever rotas com frequência talvez maior do que a registrada em outras frentes da economia. Sem jamais, porém, deixar de lado a nossa vocação e o empenho em assegurar o sucesso dos negócios e a contribuição ao desenvolvimento do país.

Sob os bons ventos do empreendedorismo, a Bunge chegou ao início de 2010 com uma safra recorde de grandes notícias, que começaram a repercutir em plena véspera do Natal de 2009. Naquele momento, foi anunciada a intenção de compra de cinco usinas da Moema Participações, MoemaPar, negociação concretizada em janeiro, formalizando o avanço definitivo nos segmentos de açúcar, etanol de cana e bioenergia. Naquele primeiro mês do ano, Pedro Parente, profissional com respeitável histórico de atuação nos setores público e privado, passou a exercer o cargo de CEO e presidente da Bunge no Brasil.

Janeiro estava quase chegando ao fim, quando concretizamos o acordo de venda do negócio de Nutrientes, para a Vale, uma das maiores empresas de mineração do mundo. Na página 4, você encontrará informações sobre esses novos caminhos. Aqui, neste espaço, queremos reiterar o compromisso com o contínuo estreitamento de vínculos com os produtores rurais, parceiros imprescindíveis em todos os momentos da nossa história. História sempre em movimento para fazer frente ao desafio de, diariamente, antecipar o futuro.

Que 2010 multiplique o sucesso de todos nós.

Alberto Weisser *Chairman e presidente mundial da Bunge.*

A Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos confirmou no início de fevereiro que o **etanol de cana-de-açúcar** é um biocombustível renovável de baixo carbono, que pode contribuir de forma significativa para a redução das emissões de gases causadores do efeito estufa. O anúncio, que contém a regulamentação final da lei que define a produção e uso de biocombustíveis nos Estados Unidos, também designa o etanol de cana como biocombustível avançado, capaz de reduzir as emissões de gases do efeito estufa em pelo menos 50% se comparado à gasolina.

Fonte: União da Indústria de Cana-de-Açúcar, Unica.



IAC Fantástico é o nome da cultivar de abacaxi recém-lançada pelo Instituto Agrônomo de Campinas. Além de resistente à fusariose (ou gomose), principal doença da cultura no Brasil, a nova cultivar não apresenta espinhos nas folhas, tem fruto de tamanho mediano a grande, polpa doce, com pouca acidez e coloração amarelo intenso.

PLUGUE-SE


Softwares agrícolas disponíveis gratuitamente



Resumo: Embrapa Instrumentação disponibiliza gratuitamente para download o Laboratório de Imagem Software Gratuito. Este software permite a obtenção de imagens digitais de alta resolução, com o objetivo de facilitar a identificação e a quantificação de indivíduos em coleções de plantas, animais e insetos. O software é desenvolvido em linguagem Java e pode ser executado em qualquer sistema operacional que suporte esta linguagem. O software é gratuito e pode ser utilizado em qualquer sistema operacional que suporte esta linguagem. O software é desenvolvido em linguagem Java e pode ser executado em qualquer sistema operacional que suporte esta linguagem. O software é gratuito e pode ser utilizado em qualquer sistema operacional que suporte esta linguagem.

Anatro Live* SisCeb AFSoft
Safira Sacam Geofielder*

O Laboratório de Imagem da Embrapa Instrumentação Agropecuária disponibiliza em sua página na internet (www.cnpdia.embrapa.br/labimagem) três programas de diagnóstico por imagem com aplicação agrícola. O download é gratuito.

O *Sacam* é destinado à avaliação comportamental de animais, podendo ser usado em estudos de insetos no controle biológico de pragas e na avaliação da qualidade do meio ambiente em animais confinados antes do abate. O software *Safira* determina automaticamente o volume, área superficial e comprimento por classes de diâmetros de fibras e raízes. Voltado para agricultura de precisão, o *GeoFielder* pode ser utilizado junto a aeronaves – quando o objetivo é obter imagens aéreas – ou em máquinas agrícolas e outros veículos para captura de imagens em solo. 

CAMPOS MODERNOS

Algodão adensado amacia as perspectivas do setor

Os cotonicultores – particularmente aqueles instalados na região Centro-Oeste, que representa 60% do cultivo no país – vêm sendo embalados pelas boas promessas do algodão adensado, que demanda metade do espaçamento convencional. A tecnologia – largamente adotada nos Estados Unidos, Argentina e Paraguai – acena com a perspectiva de redução dos custos de produção, entre outros benefícios.




O quinhão de terra reservado aos algodoeiros vem encolhendo, em que pese o aumento dos níveis de produtividade (1.400 quilos por hectare, uma das maiores do mundo), o saldo favorável das exportações e a presença do Brasil no rol dos maiores produtores mundiais. Justifica a contínua redução da área plantada, três safras consecutivas de preços baixos e depreciados pelo câmbio, elevados custos de produção e os entraves logísticos.

Historicamente habituado a fazer frente a situações pouco favoráveis, os cotonicultores se vêem agora diante de um novo alento, representado pelo sistema de manejo adensado, que nada mais é do que a diminuição do espaço entre as mudas: as entrelinhas das fileiras de plantio são reduzidas de 90 para 45 centímetros. “Além de mais plantas por hectare, o adensamento reduz os custos de produção em até 50% e diminui sensivelmente o ciclo de maturação do algodão: de 180 a 200 dias, para 140 a 145 dias. O tempo de plantio também é menor em relação ao sistema convencional”, afirma Gilson Pinesso, presidente da Associação Mato-Grossense dos Produtores de Algodão, Ampa,

entidade incentivadora da adoção da tecnologia no Brasil.

EM BUSCA DE MÁQUINAS E CERTEZAS

Na safra passado, o Estado do Mato Grosso trabalhou com o adensado em uma área experimental de sete mil hectares. Máquinas alugadas na Argentina e no Paraguai deram conta da colheita. Agora, segundo Pinesso, o setor trava negociações com a indústria de máquinas instalada no Brasil, em busca de mecanismos de adaptação da frota interna às características do manejo adensado. O sucesso das negociações pode fazer, só no Mato Grosso, com que a área plantada salte para 52 mil hectares no ciclo atual. Outros estados também vêm se mobilizando em torno da viabilização da aplicação do sistema.

Joaquim Bento de Souza Ferreira Filho, da Esalq-USP assinala que os resultados preliminares desse tipo de cultivo são promissores e que os seus benefícios devem aumentar com o progresso das pesquisas de manejo e variedades. Produtividade e qualidade da fibra são aspectos que vêm sendo avaliados. 

Segundo previsões da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Santa Catarina, os suinocultores terão, em 2010, um ano de revitalização da atividade. A Federação estima que o mercado mundial será expandido em mais **60 mil toneladas**.



No início de fevereiro, a **balança comercial** apresentou déficit de US\$ 172 milhões. As exportações somaram US\$ 2,9 (média diária de US\$ 585,6 milhões) e as importações US\$ 3,1 bilhões (US\$ 620 milhões/dia). Pelo critério da média diária, as exportações cresceram 10% em relação a fevereiro de 2009, quando o desempenho dos embarques nacionais foi de US\$ 532,6 milhões. O incremento é justificado pelas vendas de produtos básicos (+16,3%) — com destaque para minério de cobre, petróleo, carne de frango, bovina e suína, farelo de soja e minério de ferro —, semimanufaturados (+9,3%) e manufaturados (+3,5%).

Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

SEU CONSULTOR

HARLEY SALES

Assessor Agrônomo da Bunge Fertilizantes

Ferrugem da soja exige precaução



Confira duas sugestões para atenuar os efeitos da ferrugem em tempos de muita chuva.


O aumento de relatos da ferrugem asiática acende o sinal vermelho na safra. Segundo o Consórcio Antiferrugem, CAF, que monitora a dispersão da doença, até 19 de janeiro, 864 relatos de focos da ferrugem haviam sido contabilizados nas lavouras comerciais. O número de casos relatados em 2009/2010 já é superior ao de outras temporadas, gerando preocupação e reforçando a necessidade de medidas de controle. O excesso de chuvas em algumas regiões produtoras é apontado como um fator determinante no estabelecimento e espalhamento da doença. Cruzando dados de precipitação e dispersão da ferrugem nas últimas safras, o consórcio concluiu que as de menor volume de chuva (2007/08 e 2008/09) foram justamente as com menor número de relatos.

Com a previsão de chuvas acima do normal para o Centro-Sul nos próximos meses, o risco potencial de epidemia se eleva na região. Uma vez que coexistem lavouras de soja em enchimento de grão

e em fases vegetativas, algumas orientações são importantes como medidas de controle:

- priorizar a utilização de misturas prontas de fungicidas nas replantagens ou nas primeiras aplicações das lavouras semeadas mais tardiamente. Isso em função da possível seleção de populações do fungo causador da doença, menos sensível aos fungicidas do grupos dos triazóis, como observado nas safras 2007/08 e 2008/09;

- os intervalos para as replantagens devem ser reavaliados a cada situação, principalmente nas regiões com previsões de chuvas frequentes e presença do fungo proveniente das lavouras mais velhas. Importante lembrar que a ocorrência de chuvas, logo após a aplicação, pode comprometer a eficiência de produtos de ação sistêmica, afetando o seu efeito residual.

- como o intervalo entre a penetração na folha e a formação de novos esporos pode ocorrer em nove dias, é importante que a frequência das vistorias acompanhe o comportamento da doença. 

BOA PROSA

Delícias pantaneiras

Mojica de pintado, ventrecha de pacu, caldo de piranha, matrinxã assado com farofa de banana, piraputanga frita, pacu seco com arroz: são pratos com o sabor da região pantaneira. Confira a receita do último deles, um dos mais apreciados nas terras da região.

A cultura alimentar indígena e as influências dos povos que se estabeleceram na região, como os bandeirantes paulistas, fundadores da capital Cuiabá no século 18, deram forma à culinária mato-grossense. Encontrados com fartura na bacia do Pantanal, os peixes são ingredientes importantes nessa história. “O isolamento geográfico obrigou os novos habitantes a lidar com os produtos que a terra e os rios tinham a oferecer”, conta Tanãne Carreira, autora de livros com receitas típicas do Estado.

Um hábito muito comum entre os ribeirinhos, e que acabou virando tradição, é o da salga do pacu. “A técnica é parecida com a do bacalhau. Abre-se o peixe em manta para salgá-lo. Depois, é deixar secar na sombra”, explica Tanãne. Dessalgado, o peixe dá origem a saladas e também ao tradicional *pacu seco com arroz*, cuja receita, cedida pela culinária, você confere a seguir.

Pacu seco com arroz

Ingredientes


- 1/2 pacu seco dessalgado,
- 2 xícaras (chá) de arroz,
- 4 dentes de alho amassados,
- 3 colheres (chá) de óleo,
- 1/2 cebola picadinha,
- 1 tomate picado,
- pimenta malagueta picada, suco de limão,
- 1 colher (sopa) de açafrão da terra,
- 1 litro de água quente,
- sal e cheiro-verde a gosto.



Preparo

Limpe o peixe e tempere com limão. Corte-o em postas e tempere com a metade do alho. Esquente um litro de água com o açafrão e reserve. Em uma panela de barro, coloque o óleo e o restante do alho. Em seguida, o arroz. Deixe fritar. Coloque a água com açafrão até cobrir o arroz. Coloque o pacu, a cebola, o tomate, o sal, a pimenta e o cheiro-verde. Tampe e deixe cozinhar até o arroz ficar “al dente”. Sirva com farofa de banana.

Tempero a mais

O site www.sabornamesa.com.br tem como tema a culinária do Mato Grosso. Além de receitas, é possível encontrar técnicas regionais, como a salga do pacu. 



TEM FESTA, FEIRA E EXPOSIÇÃO NA CIDADE

- MultiAgro 2010 – Agricultura, Alimentação, Abastecimento** Bento Gonçalves (RS) – 13 a 16 de abril
- Tecnoshow Comigo** Rio Verde (GO) – 13 a 17 de abril
- 16ª Feira Nacional do Arroz** Cachoeira do Sul (RS) – 25 de abril a 2 de maio
- Agrishow 2010** Ribeirão Preto (SP) – 26 a 30 de abril
- Fiema Brasil – Tecnologia para o Meio Ambiente** Bento Gonçalves (RS) – 27 a 30 de abril
- 18ª Fenasoja** Santa Rosa (RS) – 30 de abril a 9 de maio

BUNGE EM AÇÃO


De dezembro de 2009 a janeiro de 2010, a Bunge deu passos históricos rumo a novos posicionamentos, metas e objetivos. Comandaram esses movimentos a sensibilidade para atuar com os olhos postos no futuro e um dos valores fundamentais da empresa: o Empreendedorismo, traduzido pela disposição de encontrar oportunidades e gerar resultados.



Inovação e energia


Pedro Parente:
“Temos que construir e enfrentar desafios a cada momento”.

Pedro Parente responde pelo novo cargo de presidente e CEO da Bunge Brasil. Ele soma à trajetória da Bunge um histórico de êxitos nos setores público e privado. Até dezembro de 2009, Parente atuou como vice-presidente executivo do Grupo RBS, uma das empresas líderes na área de multimídia (18 emissoras de televisão, oito jornais e 25 estações de rádio). Ele é formado em Engenharia Elétrica pela Universidade de Brasília e membro do Centro de Estudos Latino-Americanos da George Washington University.

Antes de ingressar na RBS, Pedro ocupou vários cargos no setor público. Entre eles, o de Ministro-Chefe da Casa Civil, Ministro de Planejamento e Secretário Executivo do Ministério da Fazenda no governo Fernando Henrique Cardoso. Foi consultor do Fundo Monetário Internacional e trabalhou no Banco Central do Brasil e no Banco do Brasil. Seu currículo é enriquecido ainda pela presidência dos Conselhos de Administração da Petrobras e do Banco do Brasil. 

Marcas de fertilizantes garantem serviços e tecnologia aos produtores rurais


No final de janeiro, a Bunge formalizou a venda de seu negócio de Nutrientes no Brasil para a Vale, que passou a controlar as minas de rocha fosfática de Araxá (MG) e Cajati (SP), as plantas de processamento de fosfatados nos municípios paulistas de Guará e Cubatão e a participação na Fosfertil. A decisão da venda não foi simples, mas é justificada pela demanda de recursos adicionais vultosos, que limitariam a capacidade da Bunge de se expandir em outros segmentos.

As áreas de mistura, vendas e distribuição de fertilizantes no Brasil, as operações na Argentina e nos Estados Unidos e a *joint venture* no Marrocos permanecem sob o comando da Bunge. Em termos de Brasil, isso significa que, no segmento de varejo de fertilizantes, as marcas Serrana, Manah, Iap e Ouro Verde manterão o foco na excelência no atendimento ao cliente. 

Visão de futuro. Decisões estratégicas



Orientada por esses pressupostos, a Bunge acelerou a corrida rumo a postos de liderança nos segmentos de açúcar, etanol e bioenergia em terras brasileiras. No final de dezembro, foi anunciada a incorporação de um complexo de cinco usinas da Moema Participações – MoemaPar: Ouroeste, Moema e Guariroba, em São Paulo; Frutal e Itapagipe, em Minas Gerais. “Ao trazer o negócio da cana para a Bunge, estamos firmando o pé na produção, ao mesmo tempo em que vamos atuar também no extremo dessa cadeia, um dos segmentos-chaves do futuro: a bioenergia.” A afirmação do diretor de Açúcar & Bioenergia da Bunge, Martinho Silveira, ilustra a extensão das metas desenhadas em torno do setor.

A negociação com a MoemaPar eleva para mais de US\$ 2,5 bilhões os investimentos feitos nesse poderoso braço do agronegócio e praticamente triplica a capacidade de produção: a previsão de moer, em 2010, 6,3 milhões de toneladas de cana, salta para quase 20 milhões de toneladas anuais. A nova configuração amplia em 70% o seu quadro de funcionários no Brasil: são agora 15 mil pessoas. 

Confira o histórico da evolução do negócio da cana-de-açúcar

2006 A Bunge ingressa no setor sucroenergético. Transformar-se em *player* global e integrado desse universo está entre as prioridades.

2007 Anunciada a aquisição da Agroindustrial Santa Juliana, usina sediada em Minas Gerais. É a estréia nos segmentos de açúcar, etanol e bioenergia.

2008 A Bunge assume 60% da usina Monteverde, instalada em Ponta Porã (MS). Em um segundo momento, firma parceria com a Itochu, *trading* global do Japão. A junção de forças resultou ainda no Projeto Bunge Tocantins, que viabiliza a construção da usina Pedro Afonso, naquele Estado. Nesse mesmo ano, a Bunge adquire a Tate & Lyle, T&L, umas das maiores empresas de comercialização de açúcar do mundo.

2009 Criada a plataforma de negócios Açúcar e Bioenergia, com uma diretoria mundial.

2010 No início do ano, a Bunge dá um dos maiores passos da sua história, incorporando cinco usinas do complexo industrial MoemaPar.

Pesquisa Satisfação do Leitor – A Bunge agradece aos produtores rurais que responderam à pesquisa relativa ao **Bunge no Campo** veiculada na edição 41. O prazo para a participação será encerrado no dia on. A partir desta edição, **Bunge no Campo** estará disponível nos sites Bunge também em inglês.

BUNGE no campo

Publicação da Bunge para os produtores rurais.

Av. Maria Coelho Aguiar, 215
– Bl D – 5º andar
São Paulo (SP) – 05804-900
Projeto e coordenação:
Diretoria de Comunicação
Corporativa Bunge

Supervisão: Valdecil Silva
Criação e edição:
Luc Comunicação Integrada (11)
5044-6099
Graziela Silva (Edição),
Eduardo Matsuda (Diagramação).

Pré-impressão e Impressão:
Editora Gráficos Burti
Certificação Cadeia de
Custódia FSC
Tiragem: 20.300 exemplares.



Fontes Mistas

Grupo de produto proveniente de florestas bem manejadas e fontes controladas
www.fsc.org Cert no. SW-COC-003192
© 1996 Forest Stewardship Council

O selo FSC é a garantia de que a madeira utilizada na fabricação do papel deste jornal provém de florestas bem manejadas e outras fontes controladas.